2026
V.19

História da Historiografia

International Journal of Theory and History of Historiography

ISSN 1983-9928

FAPEMIG
Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
UNIRIO
UFOP

Dossiê D

As *Historiae Alexandri*, de Quinto Cúrcio Rufo, entre a História e a ficção

Dossiê | História e Ficção

As *Historiae Alexandri*, de Quinto Cúrcio Rufo, entre a História e a ficção

Quintus Curtius Rufus *'Historiae Alexandri'* between History and fiction

Anne Caroline Ferreira Veloso

anne.veloso@unesp.br

https://orcid.org/0000-0003-3504-3521

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, São José do Rio Preto, SP, Brasil..

Resumo

O objetivo deste artigo é o de esboçar um panorama de apresentação do historiador romano Quinto Cúrcio Rufo, de sua obra Historiae Alexandri Magni Macedonis, e da oscilação dela entre a historiografia e o romance antigos. Apesar de ser uma fonte renomada para a vida de Alexandre Magno na literatura anglófona, a obra de Cúrcio ainda é pouco estudada no Brasil, seja em motivo da obscuridade do autor, das lacunas no texto ou da dificuldade de classificá-lo quanto ao gênero literário a que pertence. Assim, este estudo pretende sintetizar o debate teórico sobre tais questões e, então, apresentar argumentos para a datação do autor no século I d.C. Depois, na esteira de Gual (1972), Marincola (1997) e Brandão (2005), buscar-se-á abordar o hibridismo entre o romance e a vertente retórica da historiografia e, por fim, discutir a hipótese de que o advento de tais gêneros no Período Helenístico, bem como a similaridade entre ele e o século I d.C., sejam fatores elucidativos de algumas das dificuldades comumente atribuídas à obra de Cúrcio.

Palavras-chave

Historiografia Antiga; Historiografia Romana; Romance.

Abstract

This paper aims to sketch an outlook of the Roman historian Quintus Curtius Rufus, his work Historiae Alexandri Magni Macedonis, and its fluctuation between Ancient historiography and novel. Despite being a celebrated source for Alexander the Great's life in anglophone literature, Curtius' work remains scarcely studied in Brazil, whether due to the author's obscurity, the textual lacunae or the convergence of novelistic and historiographic traces within it. Therefore, this study aims to summarize the theoretical debate on such questions and to present arguments for dating the author in the 1st century CE. Then, following Gual (1972), Marincola (1997) and Brandão (2005), we will approach the hybridity between the novel and the rhetorical branch of historiography and, finally, we will discuss the hypothesis that the advent of such literary genres during the Hellenistic Period, as well as its similarity to the 1st centu

Keywords

Ancient Historiography; Roman History; Novel.

Introdução: as fontes primárias para a história de Alexandre

Da vasta lista de generais e conquistadores, heróis, imperadores e semideuses preferidos da literatura e do imaginário comum ocidental, Alexandre Magno seja talvez uma das figuras mais admiradas, bem como uma das poucas a ter acumulado todos os anteriores títulos ao longo de sua carreira, majoritariamente, em vida. Desde sua morte em 323 a.C., na capital cultural persa conhecida como Babilônia, os feitos e a vida de Alexandre configuram um objeto de infindável interesse, de modo que a perpetuação de sua história não raro tem ultrapassado o veículo literário e se manifestado em mosaicos, esculturas e sítios arqueológicos ainda ativos nas cidades por ele fundadas e batizadas com seu próprio nome.

É a literatura, entretanto, em seus variados gêneros, a principal mantenedora de sua história e lembrança. Com efeito, a tradição literária voltada a Alexandre tem início durante as campanhas expedicionárias de conquista que ele próprio empenhou entre 334 e 323 a.C., partido da cidade de Pela, na Macedônia, até as fronteiras da Índia. Sabe-se que, para além dos círculos militares, religiosos e aristocráticos presentes no grupo expedicionário, Alexandre também carregava consigo um rol de especialistas e estudiosos empenhados no registro escrito de seus feitos (Stoneman, 2004, p. 23-37), do qual é decorrente uma série de relatos historiográficos que, após a morte do conquistador, circularam pelo mundo antigo. De tais trabalhos, destacam-se, por exemplo, a incompleta obra do historiador grego Calístenes de Olinto, sobrinho de Aristóteles (que foi, aliás, um dos tutores de Alexandre durante os anos iniciais de sua educação), bem como os relatos de Nearco (um comandante da frota macedônia), de Onesícrito (um timoneiro) e de Ptolomeu (um general), escritos após o fim das campanhas e da dissolução do Império Macedônio em províncias. Calístenes, recusando-se à performance de uma antiga prática de reverência persa conhecida como *prosquínese*, controversamente requerida por Alexandre de suas tropas gregas, foi preso, torturado e, eventualmente, assassinado por seus compatriotas, embora seu relato tenha possivelmente sido um modelo para aqueles que o sucederam, dos quais não se isenta o trabalho de Ptolomeu, a quem foi atribuído o governo da província egípcia após a morte de Alexandre. Em seus anos dedicados à historiografia, Ptolomeu conviveu com o historiador Cleitarco, figura obscura, autora de um relato também perdido, cujo intuito era, supostamente, o de "impressionar e entreter, enaltecendo o heroísmo de Alexandre e as maravilhas da expedição com as mais vívidas cores" (Bosworth, 2003, p. 176).

Tais textos são considerados as fontes primárias, ou fontes testemunhais, para a história do conquistador e, apesar de não terem sobrevivido à passagem do tempo, eles serviram de insumo à segunda geração literária, responsável pela transmissão da história pelo fim da Antiguidade e início da Idade Média. Remanescentes do mundo grego e romano com variados graus de fragmentação, os textos da segunda geração podem ser divididos em duas vertentes a partir das fontes primárias das

quais se serviram. De um lado, estão a *Vida de Alexandre*, obra pertencente à série *Vidas paralelas* e escrita entre 50 e 120 d.C. pelo historiador grego Plutarco, bem como a *Anábase de Alexandre*, concebida no século II d.C. pelo historiador latino Arriano de Nicomédia. São as fontes antigas mais populares para as campanhas e façanhas de Alexandre — no primeiro caso, pela famosa carreira historiográfica e biográfica de Plutarco, cujas fontes para a *Vida de Alexandre* residem em supostas correspondências trocadas com o próprio macedônio, e, no segundo caso, pela preferência de Arriano pelo relato de Ptolomeu, cujo trabalho, segundo Arriano, zela pelo apuro histórico e pela precisão das informações militares das campanhas, o que, ao longo do tempo, conferiu à *Anábase* a reputação de ser a fonte antiga de maior precisão histórica.

Do outro lado, a chamada *tradição Vulgata*, expressão que se tornou praxe na fortuna crítica anglófona de Alexandre, abarca a *Biblioteca* (séc. I a.C.) de Diodoro Sículo, o epítome, feito por Justino, as *Histórias de Filipe* (escritas no séc. I a.C. por Pompeu Trogo, mas perdidas) e, por fim, as *Histórias de Alexandre* (séc. I d.C.) de Quinto Cúrcio Rufo. Tais obras são popularmente reunidas sob a mesma efígie graças à predileção dos autores pelo trabalho de Cleitarco, cujas nuances maravilhosas e "propensão para registrar tudo que fosse belo" (Stoneman, 2004, p. 28) foram por eles herdadas em maior ou menor grau. Trata-se, aliás, de um dos motivos pelos quais as *Histórias de Alexandre* de Quinto Cúrcio Rufo tendem a ser colocadas na encruzilhada teórica entre a História e a ficção, com frequência consideradas romanescas demais para a historiografia e, simultaneamente, históricas demais para o romance antigo, de modo que um primeiro desafio ao estudo de sua obra, somado às poucas informações sobre autor e datação e, ainda, às várias lacunas ao longo do texto, é a definição precisa do gênero e da tradição literária na qual Cúrcio se enquadra.

Assim, o presente artigo possui dois principais objetivos. O primeiro diz respeito à apresentação do historiador romano Quinto Cúrcio Rufo, uma figura ainda obscura e pouco abordada pelos Estudos Clássicos no Brasil, apesar da importância de sua obra para a tradição clássica de Alexandre Magno na literatura universal. Para tanto, serão discutidas as especulações a respeito de sua identidade a partir das menções ao cognome "Curtius Rufus" noutras obras da Antiguidade e, com base em trechos selecionados das *Histórias de Alexandre*, nos quais o historiador fornece pistas do período em que escreve, serão discutidos possíveis consensos teóricos para sua datação no século I d.C. Já o segundo objetivo deste estudo diz respeito às intersecções entre a História e a ficção na obra, no sentido de que discutiremos a forma com a qual ela tem sido abordada por historiadores e críticos literários ao longo dos séculos XX e XXI, explorando os principais argumentos fornecidos para a delimitação de seu gênero literário como um romance antigo ou como um relato historiográfico, respectivamente. Assim, não só procuraremos indicar os principais estudos dedicados a tal questão, que compõem a fortuna crítica estrangeira e nacional voltada a Cúrcio, mas também buscaremos sintetizar um panorama teórico referente tanto ao romance antigo quanto à vertente retórica da historiografia antiga, em vias de eleger a concomitância de tais gêneros durante o Período Helenístico e, depois, durante

o século I d.C., como um argumento que justifique a coexistência de nuances romanescas e historiográficas (isto é, o popular "problema de gênero") nas *Histórias de Alexandre*.

Quinto Cúrcio Rufo

Das obras antigas dedicadas ao registro dos feitos e façanhas de Alexandre, as *Histórias de Alexandre*, de Quinto Cúrcio Rufo, são consideradas a mais completa e mais obscura fonte remanescente da Antiguidade latina. Como grande parte da literatura grega e romana, sua preservação é decorrente da confecção de manuscritos e códices durante a Idade Média, dos quais sobreviveram 123 versões (Dosson, 1886, p. 315) em variados estados de fragmentação, sendo o mais antigo deles datado de meados do século IX d.C. Trata-se da versão mais próxima do original latino de Cúrcio, hoje perdido.

De modo geral, os manuscritos discordam não só quanto ao título da obra, ainda que *Historiae*, *Historiae Alexandri Magni Macedonis* e *Historiae Magni Macedonis Alexandri* ("As Histórias de Alexandre Magno da Macedônia") sejam formulações recorrentes, mas também quanto à quantidade de capítulos pelos quais ela se organiza. Via de regra, as *Histórias de Alexandre* são concebidas sob uma divisão em dez livros, correspondentes a capítulos, dos quais se perderam os dois primeiros, juntamente do prefácio que supostamente os antecederia, no qual Cúrcio teria se apresentado. Alguns manuscritos, entretanto, contam com oito ou doze livros (Baynham, 1998, p. 37).

O texto é repleto de grandes lacunas, especialmente lamentáveis ao final do Livro V e começo do Livro VI, trechos nos quais seria abordada a morte do rei persa Dario III, um dos mais significativos oponentes de Alexandre, bem como na metade do Livro X, momento no qual a narrativa explicaria as causas do súbito adoecimento de Alexandre, do qual é decorrente sua morte em 323 a.C. Em sua forma remanescente, portanto, o texto se inicia no Livro III com a chegada das tropas macedônias à cidade de Górdio, provavelmente em 333 a.C., no início das campanhas expedicionárias contra o hegemônico Império Persa, e se encerra no Livro X, debruçando-se sobre as imediatas consequências políticas ocasionadas pela morte de Alexandre. E, apesar de constar na titulação da maioria dos manuscritos medievais, o nome do autor não é mencionado ao longo do texto, de modo que são as raras alusões ao contexto político no qual escreve, bem como os comentários moralistas de Cúrcio sobre os povos e culturas estrangeiras da trama, as únicas dimensões pelas quais é possível medir sua identidade pessoal.

Dadas as dificuldades da obra, às quais se deve adicionar a carência de uma tradução integral para a língua portuguesa[1] e a falta de descobertas arqueológicas que preencham as anteriores

1 A tradução integral das *Historiae Alexandri* é um dos projetos nos quais a autora deste estudo se empenha no presente. Assim, todos os excertos traduzidos de Cúrcio ao longo deste artigo são de nossa lavra autoral.

lacunas, a maneira pela qual as *Histórias de Alexandre* foram abordadas como obra literária variou drasticamente ao longo do tempo. Inaugurada pelo minucioso estudo de Dosson (1886), a tendência de análise predominante ao longo do século XX, quando a obra já havia sido traduzida para algumas línguas modernas (sobretudo o alemão e o francês), era conduzida por historiadores, cujas preocupações ressoavam com o mapeamento das fontes antigas nas quais Cúrcio havia se inspirado (Hammond, 1983), com o valor histórico da obra (Bosworth, 1983), com os hipotextos nela reconhecíveis — isto é, os diálogos estabelecidos entre o texto e aqueles que o antecederam (Steele, 1915) — e, principalmente, com teses e antíteses dedicadas à datação de autor e obra. Trata-se de uma investigação limitada pelas lacunas textuais e, portanto, essencialmente hermenêutica, conduzida, via de regra, por dois métodos, sendo o primeiro o rastreamento das menções a Cúrcio noutros textos da Antiguidade grega e romana e, o segundo, a interpretação de excertos de sua obra, em vias de identificar o contexto político no qual foi escrita. No entanto, graças à perda de partes significativas do texto original, bem como ao silêncio da Antiguidade em relação a Cúrcio, ambos os procedimentos acabaram por surtir mais especulações do que consensos propriamente ditos.

Em linhas gerais, são várias as pistas nas *Histórias de Alexandre* pelas quais se é possível especular a datação de Cúrcio, ainda que as evidências textuais mais recorrentes possam ser reduzidas ao emprego do substantivo latino *princeps* (10.9.3) para designar a figura imperial romana, às alusões feitas à prosperidade do Império Parta e ao metafórico panegírico[2] no Livro X (10.9.1-6), no qual o narrador presta elogios ao recém-proclamado imperador romano de sua época, sem, entretanto, nomeá-lo. A partir da primeira pista, isto é, o emprego do termo *princeps*, é estabelecido o único consenso da fortuna crítica voltada às *Histórias de Alexandre*, referente ao período de escrita da obra ser condizente com a época imperial romana (Milns, 1966, p. 460). Assim, o *terminus post quem* (a data mais antiga a partir da qual a obra pode ter sido escrita) é o estabelecimento do regime de Augusto (de 27 a.C. a 14 d.C.) ou, então, a ascensão de seu sucessor, Tibério (de 14 d.C. a 37 d.C.), período no qual o termo passa a circular pelo mundo romano com o sentido empregado por Cúrcio. Com efeito, estudos como aqueles conduzidos por Steele (1915) e, posteriormente, Atkinson (1971), conforme atestam a similaridade estilística e frasal entre as obras de Cúrcio e do historiador romano Tito Lívio (que viveu entre 59 a.C. e 17 d.C.), reforçam a improbabilidade de que as *Histórias de Alexandre* tenham sido escritas antes do período imperial romano, ainda que o próprio contexto no qual Cúrcio emprega o termo em seu panegírico (em meio a um elogio ao imperador romano que por último ascendeu ao trono) seja suficiente para datá-lo como contemporâneo ao Império.

Por sua vez, a segunda pista fornece uma data máxima (ou o *terminus ante quem*, segundo a terminologia corrente dos Estudos Clássicos) para a datação da obra. São várias as alusões

2 Gênero literário antigo referente a discursos elogiosos prestados a determinada figura ou entidade.

de Cúrcio ao Império Parta, potência político-cultural da Pérsia antiga que durou de 247 a.C. até a tomada do sucessor Império Sassânida em 224 d.C., e um mapeamento de tais menções foi arquitetado por Fears (1974) e, posteriormente, por Devine (1979). Cúrcio confere ao domínio dos partas a região da Pártia (4.2.11), a capital cerimonial persa conhecida como Persépolis (5.7.9), a região de Ecbátana (5.8.1) e a Margiana (7.10.16), para citar algumas, mas o comentário mais emblemático para a datação da obra é aquele referente ao domínio da Mesopotâmia (6.2.12), excerto no qual o narrador afirma o seguinte: "Daqui, atinge-se a Pártia, até então um povo desconhecido, embora, no momento presente, seja o principal de todos os povos que, situados além dos rios Eufrates e Tigre, são fronteiriços ao Mar Vermelho" (Cúrcio, 6.2.12). Tal excerto sugere que não só foram as *Histórias de Alexandre* escritas antes de 224 d.C., data de queda do Império Parta, mas também e de acordo com Baynham (1998, p. 203), elas podem ser datadas como anteriores ao império de Trajano (de 98 a 117 d.C.), pois as políticas expansionistas de Trajano para além do rio Eufrates ameaçariam a prosperidade dos partas muito antes da efetiva queda do império, em 224 d.C. Caso aceito o argumento de Baynham, a obra teria sido escrita entre 27 a.C. e 117 d.C., já que, após Trajano, o principal de todos os povos fronteiriços ao Mar Vermelho seria, na verdade, o povo romano.

Por fim, em vias de precisar o reduzido, mas ainda extenso, intervalo de tempo entre Augusto e Trajano, os historiadores lançam mão da terceira, e mais definitiva, evidência textual para a datação de Cúrcio e sua obra. O panegírico do Livro X, apesar de sua natureza essencialmente metafórica, constrói-se no contraponto entre a guerra civil (conhecida como a Guerra dos Diádocos) instaurada na corte macedônia após a morte de Alexandre, que não deixou sucessores, e uma situação de similar instabilidade política e social a qual, não fosse a ascensão de um novo imperador, teria levado Roma à ruína. O trecho em questão é precisamente o seguinte (10.9.1-6):

> [1] Mas ainda guerras civis eram deflagradas contra o povo macedônio pelo destino, pois o trono é indivisível e, por isso, muitos o cobiçam. [2] Portanto, primeiro as forças colidiram, depois, dispersaram e, no momento em que teriam sobrecarregado o corpo além do que ele suportava, os outros membros começaram a falhar, e um império, que teria sido capaz de se manter sob um homem, ruiu quando sustido por vários. [3] Por consequência, o povo romano justa e razoavelmente reconhece dever sua saúde ao seu imperador, que rompeu o dia: uma nova estrela da noite que, por pouco, tivemos como última. [4] Por Hércules! O nascer dele, e não do sol, restaurou luz ao mundo escurecido logo que, sem a cabeça, os membros discordantes se agitaram. [5] Quantas tochas ele então extinguiu! Quantos gládios embainhou! Tamanha tempestade ele, com súbita serenidade, afastou! O império, portanto, não só reverdece, mas floresce. [6] Contanto que a inveja esteja afastada, a mesma casa tomará as oportunidades dessa geração, tomara que para sempre, mas de certo até o futuro longínquo (Cúrcio, 10.9.1-6).

De antemão, o estudo do excerto anterior deve ser conduzido sob duas premissas consensuais entre os estudos do século XX, referentes, em primeiro lugar, à escrita das *Histórias de Alexandre* ao longo de alguns anos, sendo possivelmente contemporânea a uma transição entre imperadores e, em segundo lugar, à ascensão do imperador referido durante um contexto de conflito civil. Nesses termos, dos imperadores atuantes entre 27 a.C. e 117 d.C., Tibério, Calígula, Nero, Tito, Domiciano e Nerva podem ser desconsiderados como a figura aludida por Cúrcio, graças à ausência de conflito civil durante a tomada do trono, como também o podem Otão, Vitélio e Galba, graças à brevidade de seus regimes. Os candidatos remanescentes são, portanto, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Trajano.

A partir desse recorte, a opinião da fortuna crítica varia. De modo geral, Cláudio (que governou entre 41 e 54 d.C.) e Vespasiano (de 69 a 79 d.C.) são as hipóteses preferidas da crítica historiográfica do século XX, pois, por um lado, a menção à prosperidade do Império Parta nas regiões mediterrâneas é um argumento amplamente aceito para alocar Cúrcio como anterior a Trajano (de 98 a 117 d.C.), ainda que ele seja o candidato preferido nos estudos de Bosworth (1983). Por outro lado, a similaridade estilística entre a narrativa de Cúrcio e a de Tito Lívio, bem como a efetiva circulação do termo *princeps* após a ascensão de Tibério, são argumentos que tendem a ser erigidos para a improbabilidade de que a obra tenha sido escrita sob Augusto, ainda que haja teóricos, como Tarn (1948), que argumentem em seu favor. De nossa parte e, em adição ao debate, parece-nos plausível especular que, caso Cúrcio tivesse presenciado a transição entre o assassinato de César e a instauração do sistema imperial com Augusto, ele possivelmente teria comentado a questão em paralelo às variadas conspirações da corte macedônia contra a vida de Alexandre (das quais são exemplos a Conspiração de/contra Filotas, a Conspiração dos Pajens e mesmo os eventos que acarretaram a morte de Calístenes de Olinto), ou, então, teria mencionado os boatos de que a morte de Alexandre seria consequente de uma conspiração de envenenamento, orquestrada por seus próprios oficiais. É esta uma teoria desenvolvida noutras obras da Antiguidade Romana, como o anônimo *Livro sobre a morte e testamento de Alexandre* (cf. Heckel, 1988), mas completamente ignorada nas *Histórias de Alexandre*. Com efeito, Cúrcio exibe uma tendência à predileção por paralelos literários e desdobramentos irônicos da história, de modo que a transição entre o sistema republicano e o sistema imperial romano, com suas desavenças e conspirações políticas, certamente não seria por ele ignorada.

São Cláudio e Vespasiano os imperadores que dividem a fortuna crítica das *Histórias de Alexandre*. O primeiro encontra respaldo em estudos como Dosson (1886), Bardon (1947), Atkinson (1971) e outros, para quem a "noite que, por pouco, tivemos como última" (Cúrcio, 10.9.3) diz respeito à noite do assassinato de Calígula e ascensão de Cláudio. Nesse caso, os membros discordantes que, sem a cabeça, agitaram-se, encontrariam seus correspondentes no embate entre os membros do senado que, com a morte de Calígula, cobiçavam para si o trono, para além daqueles que pensavam plausível o retorno ao sistema republicano, antes que Cláudio, a nova estrela, iluminasse

o mundo escurecido (*caliganti mundo*) e restaurasse a estabilidade política. Nos estudos que defendem essa hipótese, a expressão *caliganti mundo*, empregada por Cúrcio para se referir à hostil ambiência política e social anterior à ascensão do novo imperador, tem sido interpretada como um trocadilho com o apelido de Calígula, figura que antecedeu Cláudio na sucessão imperial romana.

Já a hipótese referente a Vespasiano é respaldada em estudos como Rodriguez (1980), para quem os membros discordantes seriam, na verdade, Otão, Vitélio e Galba, os quais, no intervalo de um ano, sucederam um ao outro no trono romano, antes que Vespasiano o ocupasse, dando início à era da Dinastia Flaviana em Roma. Com efeito, a rápida sucessão de imperadores entre 68 e 69 d.C. marcou um contexto de guerra civil que ficou conhecido como "o ano dos quatro imperadores" e, nesse sentido, seria Vespasiano a figura responsável por extinguir as tochas, embainhar os gládios e afastar a tempestade (Cúrcio, 10.9.5), concretizando, assim, o desejo de Cúrcio de que a regência da nova dinastia fosse duradoura.

No entanto, não há argumentos para comprovar uma ou outra hipótese, de modo que a datação mais comum para as *Histórias de Alexandre* é, simplesmente, algum momento da metade do século I d.C. De nossa parte, parece-nos plausível pensar que, durante a escrita da obra, Cúrcio possivelmente presenciou a transição de um governo considerado, por ele, infame, a outro que, por comparação, parecia-lhe mais plácido, sobretudo se considerarmos que a personagem Alexandre, da maneira como é construída pelo autor, enfrenta mudanças ideológicas e comportamentais alusivas a um arco de degeneração moral (aos olhos das personagens secundárias e do narrador) suscitada pelos excessos (Veloso, 2025, p. 30). Isto é, ao longo das *Histórias de Alexandre*, o comportamento do protagonista em todas as incumbências que acompanham o posto imperial é concebido como inicialmente virtuoso, mas, durante a segunda metade da obra, o contato de Alexandre com forças externas (a exemplo da sempiterna prosperidade que lhe é garantida pela *fortuna*, ou, então, da adoção de costumes e práticas orientais) e com forças internas à personagem (o consumo excessivo de vinho, a cólera, a *hybris*, a paranoia etc.) acabam por suscitar uma transformação moral capaz de aproximá-la de figuras como Nero ou Calígula. Trata-se de uma dimensão alegórica do protagonista de Cúrcio — discutida, por exemplo, em estudos como Baynham (1998), Vizentin (2009), Ribeiro (2020) e, mais recentemente, Veloso (2025) — cuja natureza hermenêutica, ainda que intrigante de um ponto de vista literário, pouco serve à datação concreta de Quinto Cúrcio Rufo e de sua obra.

Noutra perspectiva, as investigações para a datação e reconstrução da identidade do autor também são conduzidas pelo método de mapeamento de menções a ele noutras obras da Antiguidade grega e romana, das quais se verificam apenas três possibilidades.

A primeira é referente a uma carta de 55 a.C., escrita por Cícero (*Epistulae*, 3.2), na qual presta a "Q. Cúrcio" alguns elogios (*bonus et eruditus adulescens*) e nada mais. A esse respeito, sendo a datação de Cúrcio frequentemente ancorada na metade do século I d.C., a figura mencionada

por Cícero tende a ser desconsiderada como possível correspondente ao autor das *Histórias de Alexandre*, pois tal "Q. Cúrcio" seria necessariamente anterior ao governo de Augusto (27 a.C. a 14 d.C.).

A segunda menção diz respeito a um retor (isto é, autor de obras retóricas) citado por Suetônio em *De Grammaticis*. Tal figura, na verdade, é apenas mencionada no index da obra, de modo que Suetônio nem a descreve e nem nomeia sua obra. Nesse caso, ainda que o ofício literário aproxime a figura de Suetônio à do historiador de Alexandre, estudos como os de McQueen (1967, p. 25) argumentam que "o nosso Cúrcio não é apenas um retor, mas um historiador, e não esperaríamos que um autor de tamanho mérito literário fosse classificado junto a retores e gramáticos, autores de obras de natureza mais técnica", no sentido de que seria o gênero literário das *Histórias de Alexandre*, o qual discutiremos adiante, o elemento fundamental para a identificação das duas figuras.

Por fim, as duas últimas menções, feitas por Tácito (*Annales*, 11.20-21) e por Plínio, o Jovem (*Epistulae*, 7.27), identificam a mesma figura. Trata-se de um "Curtius Rufus", candidato a pretor durante o governo de Tibério e, ao final de uma carreira militar, procônsul da África, provavelmente durante o governo de Nero (MILNS, 1966). Também nesse caso, os argumentos para distinguir Cúrcio, o político, e Cúrcio, o autor, parecem sobrepujar aqueles para identificá-los: McQueen (1967, p. 25), dentre os vários argumentos que lança sobre a questão, observa, por exemplo, que Tácito confere à personagem uma postura notadamente bajuladora nos ofícios militares, traço que o autor das *Histórias de Alexandre* repetidamente condena ao longo da trama.

De modo geral, as duas últimas hipóteses para a identificação de Cúrcio foram veementemente discutidas ao longo do século XX, especialmente nos estudos de Milns (1966), McQueen (1967) e Atkinson (1971), e rapidamente evoluíram para a hipótese de que o retor de Suetônio, o político de Tácito e de Plínio e o autor das *Histórias de Alexandre* poderiam ser a mesma pessoa (HECKEL, 1983). Sobre a questão, Heckel (1983) e Baynham (1998) sugerem a possibilidade de que a lacuna na carreira militar da personagem de Tácito poderia ser explicada por um engajamento em atividades retóricas, ofício da figura mencionada de Suetônio, mas admitem que não há evidências para a confirmação dessa hipótese. Nesses termos, grande parte da fortuna crítica parece concordar que, assim como a datação para o historiador de Alexandre é interpretativa e não fornece resultados concretos, as hipóteses para sua identificação com quaisquer das menções ao cognome "Q. Cúrcio Rufo" noutras obras da Antiguidade são igualmente especulativas e inconclusivas.

O gênero literário das *Historiae Alexandri*

Como previamente mencionado, a forma com a qual as *Histórias de Alexandre* foram literariamente abordadas variou ao longo do tempo, no sentido de que as anteriores questões contempladas pelos historiadores do século XX gradativamente deram espaço a análises literárias e à

sondagem de outras áreas de estudo abordadas por Cúrcio. Trata-se de uma tendência recente que erige o texto remanescente, em vez de sua contextualização na história romana (pois não há evidências concretas para datá-lo) como o principal objeto de estudo. Assim, a partir do final do século XX, começam a circular na literatura teórica voltada a Cúrcio obras que se dedicam ao estudo da geografia nas *Histórias de Alexandre* (Rodriguez, 1991), de temas como a *fortuna* e o *regnum* ao longo da obra (Baynham, 1998), da organização e disposição sintática dos discursos narrativos (Monferrer, 2002), das críticas ao sistema imperialista conduzidas pelas falas de determinadas personagens (Mahecha, 2009; Aprile, 2023), e dos paralelos entre o Alexandre de Cúrcio e figuras como Aquiles (Vorhis, 2017; Perez, 2023), como o *princeps* ideal descrito por Sêneca (Vizentin, 2009) e mesmo como a figura imperial romana no primeiro século (Ribeiro, 2020).

A transição, em sua grande parte, reside na inserção de críticos literários ao rol de pesquisadores dedicados às *Histórias de Alexandre*, cujo princípio de estudo diz respeito à insolubilidade das questões antigas e, a despeito delas, à apreciação literária da narrativa de Cúrcio. Assim, passam a circular pela fortuna crítica estudos cujo interesse repousa não na precisão das informações registradas ou no valor de acuidade da obra para a tradição historiográfica sobre Alexandre Magno, mas, em vez disso, nos procedimentos literários empregados por um escritor romano no século I d.C. Consequentemente, o protagonista de Cúrcio é cada vez mais concebido como uma personagem da literatura em vez de uma figura histórica e, apesar de tal tendência estar ainda em seus passos principiantes, o debate que reside nas entrelinhas de tais estudos é bastante antigo.

Com efeito, as *Histórias de Alexandre* foram, ao longo do tempo, consideradas um exemplo de biografia (Mcqueen, 1967), de romance antigo (Currie, 1990), de relato historiográfico (Atkinson, 1971; Baynham, 1998; para citar alguns) e mesmo de algo impreciso entre a epopeia em prosa e uma espécie de proto-romance histórico (Cardoso, 2003). Ela faz suas aparições em antologias dedicadas a historiadores romanos (Novak, Neri, Peterlini, 1999) e em compêndios sobre a ficção latina (Hoffmann, 1999), sendo o gênero literário ao qual a obra pertence uma questão tão polêmica quanto sua datação. Isso porque, por um lado, Cúrcio com frequência é considerado um historiador pouco atento à precisão histórica das informações referentes aos eixos militar e geográfico que apresenta, bem como um narrador que tende a confundir o nome de figuras históricas envolvidas nos conflitos descritos e, no geral, uma fonte antiga pouco confiável, especialmente quando comparada a Arriano (Bosworth, 2003), o que, ao longo do tempo, rendeu-lhe a reputação de ser "um bom escritor, mas um péssimo historiador; um que sacrifica o rigor da abordagem e dos métodos históricos no altar da retórica" (Yakoubovitch, 2011, p. 85).

Por outro lado, ainda que se ocupe de eventos e personagens históricos, bem como enfatize, em variadas instâncias, a seriedade de seu ofício como historiador, Cúrcio ainda sim constrói uma narrativa tematicamente complexa de fortes nuances retóricas e moralistas, pelas quais ele não só julga Alexandre por sua conduta e temperamento, mas também atribui-lhe uma densidade psicológica, oniscientemente

capturada, pela qual Cúrcio é capaz de demonstrar suas habilidades literárias. Assim, as *Histórias de Alexandre* tendem a ser consideradas uma narrativa colorida (Wilcken, 1967, p. 27), repleta de enfeites dramáticos (Stoneman, 1999, p. 142), que pode ser dita quase romanesca (Baynham, 1995, p. 60).

É, portanto, uma nuance literária que relega as *Histórias de Alexandre* às franjas (Holzberg, 1996) da historiografia, onde ela, com frequência, se reúne com outras narrativas da Antiguidade que, igualmente munidas de certa dimensão historiográfica que lhes impede de plenamente pertencer ao *corpus* do romance antigo, desafiam os limites entre a História e a ficção, como a *Ciropédia*, de Xenofonte, as *Crônicas Troianas de Díctis e Dares*, de autoria anônima e, em certa medida, *Quéreas e Calírroe*, de Cáriton de Afrodísias. Nesse quesito, parece-nos que o próprio impasse sobre o qual a questão repousa, relativo à oscilação da obra de Cúrcio entre a historiografia e o romance antigos, pode ser elucidativo para a dificuldade de classificação da obra como um ou outro gênero literário, caso ela seja posta em perspectiva como um fruto do contexto político e literário no qual tanto o romance, quanto determinadas tendências da historiografia antiga, passam a circular e exercer influência uma sobre a outra na Antiguidade.

O romance e a historiografia no Período Helenístico

Perdidas ao longo do tempo ou, talvez, nunca escritas, a Modernidade não tem conhecimento de quaisquer considerações produzidas na Antiguidade sobre o romance antigo, ainda que seja este um dos poucos gêneros literários que as sociedades grega e romana produziram simultaneamente. Consequentemente, a teoria literária que o contempla em suas características formais e temáticas, em sua recepção e circulação na Antiguidade da qual é oriundo e mesmo nos textos que pertencem ou não ao gênero, está essencialmente fadada ao anacronismo (Holzberg, 1996, p. 11).

Ao que tudo indica, o romance antigo consistentemente se desenvolve a partir do século I d.C., mas seu surgimento remete ao Período Helenístico, cujo início é marcado pela morte de Alexandre, e cujas características históricas são um reflexo da extensão de seu império pelo atual Oriente Médio, levando consigo tendências helenísticas que se manifestam, inclusive, no escopo literário. O termo tem sua origem na expressão *romanice loqui*, referente ao modo de falar das sociedades românicas, e se opõe à expressão *latine loqui*, referente ao modo de falar latino (isto é, o latim dos romanos). E, naturalmente, as variantes linguísticas se manifestam em gêneros do discurso igualmente diversos, no sentido de que aos textos escritos em *latine loqui* atribui-se um caráter sério, correspondente a obras dedicadas às leis, aos textos religiosos, científicos e filosóficos, ao passo que eram escritos em *romanice* os textos outros que, "ao utilizarem a língua comum, destinavam-se a um público mais amplo e eclético" (Brandão, 2005, p. 25). Nesse sentido, continua Brandão, "o termo romance também implica, desde sua origem, uma modalidade de gênero narrativo ficcional, cuja intencionalidade básica seria o divertimento, já que os gêneros *verdadeiros* continuariam na esfera do *latine loqui* por muitos séculos" (2005, p. 26, itálicos do autor).

Assim, a linguística histórica serve de primeiro parâmetro para a delimitação de algumas características do gênero romanesco na Antiguidade. São considerados romances os textos de veio ficcional, escritos no linguajar cotidiano e destinados a um público amplo, noção que atribui a ele o caráter de literatura de entretenimento e faz com que se diferencie dos textos históricos, retóricos, legislativos, religiosos, científicos etc. Além disso, "antes de tudo, o romance é narrativa" (Brandão, 2005, p. 32) e, portanto, pressupõe os filtros de um narrador e de um narratário, o que implica que o romance deve ser consumido pela leitura individual, no recesso doméstico, diferentemente dos textos destinados à encenação e à leitura coletiva. Ele tem também determinada extensão que, apesar de variável, diferencia-o do conto e da sátira e se dispõe em prosa, diferentemente da epopeia e da lírica.

Das características reunidas, destaca-se a ruptura com os traços formais comuns aos gêneros literários canônicos da Antiguidade (a poesia lírica e épica, as obras teatrais, as sátiras etc.), pois demonstram a inovação do romance como um sintoma da sociedade pela qual é escrito e a quem se destina. Isto é, o Período Helenístico (de 323 a meados de 146 a.C.) é a manifestação de uma época pós-clássica, que talvez possa ser dita "pós-antiga" (Brandão, 2005, p. 34), na qual a anterior unidade política do império de Alexandre se fragmenta em províncias de influência política grega, somada às influências culturais, religiosas e sociais vindas do Oriente e do norte da África, regiões conquistadas pelos macedônios durante as campanhas entre 334 e 323 a.C. Justifica-se assim, por exemplo, a presença de divindades egípcias no *Asno de Ouro*, de Apuleio, e no *Romance de Alexandre*, de Pseudo-Calístenes e a fragmentação do território em províncias posteriormente dominadas pela expansão (e extensão) do Império Romano, rende a aparição da viagem de aventuras como um tema central no *Satíricon*, de Petrônio, e nos romances idealistas gregos.

No entanto, apesar da extensão territorial e da convergência de influências políticas culturalmente distintas surtir ensejo para a inovação literária, tais fatores são igualmente responsáveis pelo cenário de uma Antiguidade "politicamente exausta" (Gual, 1972, p. 22), na qual o cidadão comum desconhece os limites de seu país e não participa, como fazia na era clássica, de decisões políticas. Noutros termos:

> Essa mesma confusão e abertura formal é uma marca característica da sociedade que criou e para quem se criou o romance. É a expressão de um sentimento vital muito distinto do clássico. Se o indivíduo da "pólis" grega gostava do limitado e bem definido, o cidadão de um império helenístico ou do Império Romano, comunidade que ele não chegou a sentir nem compreender bem, e de cujo governo não participava, encontrava-se num domínio político muito diferente, no qual a amplitude das relações em seu mundo e a incerteza dos confins do seu país era uma das marcas de sua existência (Gual, 1972, p. 26).

A "confusão e abertura formal" referidas por Gual dizem respeito a uma das características essenciais do romance (antigo e moderno), sendo ela os empréstimos feitos pelo romance, de traços formais e temáticos dos gêneros literários que o antecederam. Isto é, o romance, "capaz de tomar aspectos diversos ao incorporar e transformar em romanescos variados elementos dos demais gêneros literários" (Sano, 2015, p. 70), pode ser pensado como um gênero literário tardio, o caçula que, na sucessão literária greco-romana, "usa roupas pitorescas compostas pelos remendos variados de seus irmãos mais velhos" (Gual, 1972, p. 25). Assim, numa perspectiva formal, o relato em prosa, bem como a técnica persuasiva do narrador (que, no romance romano, frequentemente condiz com o protagonista), são empréstimos tomados da historiografia e dos textos retóricos, respectivamente. O espírito crítico, comum às sátiras, é especialmente presente nos romances romanos, como também o são o caráter ácido, grotesco e sensual das sátiras menipeias e, ainda, a estrutura de contos intercalados à narrativa principal. Já no eixo temático, são emprestados da poesia lírica o sentimento amoroso, da poesia épica, a sucessão de aventuras míticas e heroicas e, da tragédia, o *pathos* que move as personagens, pois o romance, desde seu surgimento até suas manifestações modernas e contemporâneas, é um gênero "onívoro" (Gual, 1972, p. 374), no sentido de que sua característica mais básica é "a capacidade de dialogar com outros gêneros ou, dizendo com mais precisão: uma propriedade [...] gramatofágica, envolvendo a assimilação e a transformação desses mesmos gêneros" (Brandão, 2005, p. 131).

No entanto, ainda que a dimensão retórica da obra seja consensualmente atestada pela fortuna crítica, bem como sejam incontestáveis a presença de um narrador onisciente, de um protagonista psicologicamente desenvolvido e, no geral, de uma narrativa tematicamente organizada (Baynham, 1998), as *Histórias de Alexandre* escapam do eixo romanesco pela dimensão fictícia pressuposta pelo gênero. Afinal, mesmo estudos voltados à comparação entre a obra de Cúrcio e as outras fontes antigas (Hammond, 1983) são inconclusivos no que toca ao quanto das *Histórias de Alexandre* pode ser dito fictício, de modo que a obra permanece nas franjas do romance antigo e a Cúrcio são atribuídas as alcunhas daquilo "que nossos antepassados chamavam de um 'talentoso amador', [...] pois uma coisa impressionante sobre esse escritor é sua completa falta de princípio histórico" (Tarn, 1948, p. 91).

É preciso, portanto, delimitar quais são esses princípios históricos. Como observam Mandel (1980), Woodman (1988), Momigliano (1993) e Marincola (1997), a historiografia antiga pode ser dividida em duas principais vertentes, comumente denominadas a corrente pragmática e a retórica. A primeira foi inaugurada pelo trabalho de Tucídides, "que não tinha nenhuma intenção de divertir seus leitores, mas buscava lhes transmitir os fatos ocorridos, suas causas e consequências" (Mandel, 1980, p. 8), prática da qual deriva certa expectativa moderna de neutralidade projetada sobre o ofício historiográfico, na qual "[...] o historiador almeja a invisibilidade de sua mão conforme narra

os eventos passados e os apresenta como documentos ao leitor" (Veloso, 2025, p. 53). Trata-se, por exemplo, daquilo que postula Políbio (*Hist.*, 2.56.10, 2016, p. 183) a respeito das incumbências do historiador: "O escritor não deve impressionar os leitores com exageros espalhados ao longo da história, nem forjar discursos ou acrescentar sequências aos relatos, como os tragediógrafos, mas apenas recordar o que se fez, conforme a verdade, ainda que muito triviais".

Já a segunda vertente é, segundo Mandel (1980), representada pela escola de Isócrates, "que antes de tudo exigia que se respeitasse a nuance artística da obra, sua redação retórica, mesmo em detrimento da veracidade e da exatidão históricas" (MANDEL, 1980, p. 8). Assim, ao passo que a vertente pragmática da historiografia grega visava o apuro histórico em detrimento do entretenimento e da fruição mediante o ato de leitura, entende-se que:

> A historiografia, como um ramo da retórica no mundo antigo, estava sujeita aos mesmos tipos de análise literária comuns à poesia ou à oratória. [...] Era esperado que ele [o historiador] desse cuidado e atenção ao arranjo, linguagem e apresentação de seu material; que seu produto final seria 'artístico' e atraente; e que ele escreveria com um senso real daquilo que seus antecessores haviam feito, especialmente aqueles que fizeram bem e que eram dignos de imitação (Marincola, 1997, p. 13).

Além disso, continua Marincola (1997), a historiografia fornecia bons exemplos ao campo da retórica, especialmente a partir do Período Helenístico, quando "a história da Grécia se torna a história de regentes" (Marincola, 1997, p. 23, abaixo). Não é surpreendente, portanto, que a vida e as campanhas de Alexandre Magno fossem um tópico comum em tais escolas. E, nas *Histórias de Alexandre*, a influência do campo da retórica sobre o fazer historiográfico se manifesta não só na própria dimensão moralista exercida por Cúrcio (Heckel, 1983), no sentido de que cabia ao âmbito da retórica se preocupar com a moralidade, defender direitos e apontar erros, mas também na tendência de Cúrcio a criar símbolos e a atribuir longos discursos às personagens, por meio dos quais é capaz de enfatizar os efeitos de sentido e as lições morais depreendidos dos fatos históricos, ainda que às custas da veracidade, pois a retórica induz o historiador a "exagerar nos elogios e nas culpas, a ter prazer em frases redundantes e metafóricas" (Mandel, 1980, p. 9).

Um exemplo talvez seja pertinente à questão. Historicamente, no início das campanhas expedicionárias pela região conhecida como Ásia Menor, no momento em que o corpo de tropas macedônio avançava em direção à Cilícia (provavelmente no outono de 333 a.C.), território do qual também se aproximavam as tropas persas comandadas por Dario III, Alexandre foi subitamente acometido por uma grave enfermidade que o obrigou a interromper a marcha. As fontes antigas concordam que tal doença — descrita por Arriano (*Anáb.*, 2.4.8) como um ataque de febres, câimbras e insônia — foi a consequência de um mergulho do rei nas águas do rio Cidno. Contudo, ainda que abordem os mesmos eventos, a maneira como o narram não só difere, mas também ilustra a predileção de Cúrcio pelo

desenvolvimento de nuances retóricas, dramáticas e morais sobre os eventos históricos reportados. Interessa-nos, portanto, breve e sucintamente comparar algumas versões do episódio.

Em primeiro lugar, Arriano (*Anáb.*, 2.4.8-11) afirma o seguinte:

> Os médicos pensaram que ele não viveria — todos, exceto Filipe, um médico de Acarnânia que era companheiro próximo de Alexandre, de todo confiável em suas habilidades medicinais e, em geral, bem considerado no exército: ele queria administrar um purgante e Alexandre lhe disse para prosseguir. Filipe estava preparando a poção quando Alexandre recebeu uma carta de Parmênio, alertando-o para ter cuidado com Filipe, pois ouvira dizer que Dario o havia subornado para envenenar Alexandre. Alexandre leu a carta e ainda a tinha em mãos quando aceitou a taça com o remédio. Ele passou a carta para Filipe e bebeu a dose enquanto o médico a lia. A reação de Filipe imediatamente esclareceu que não havia nada de sinistro na poção: ele não demonstrou alarme perante a carta, mas simplesmente tranquilizou Alexandre e disse-lhe para seguir quaisquer outras prescrições que ele viesse a fazer — se o fizesse como recomendado, Alexandre se recuperaria. O purgante fez efeito e a doença diminuiu. Alexandre havia demonstrado a Filipe que confiava nele como um amigo, e demonstrado ao restante da comitiva que ele era imune a quaisquer suspeitas por parte de seus amigos e resoluto diante da morte (ARRIANO, 2.4.8-11).

Por sua vez, Plutarco (*Vidas, Alex.*, 19.2-8), cuja obra propõe-se como uma biografia do conquistador macedônio, assim apresenta a cena:

> [2] Mas a demora resultava de uma doença, provocada pela fadiga – era o que alguns diziam – ou, segundo outros, devido a um banho que tinha tomado na corrente do Cidno, um rio de águas geladas. [3] A verdade é que nenhum dos outros médicos se atrevia a tratá-lo; convencidos de que o mal era demasiado grave para ceder a qualquer tratamento, receavam as censuras dos Macedónios se falhassem. [4] Só Filipe da Acarnânia, que via a situação desesperada em que o rei se encontrava, apostou na amizade. Por considerar vergonhoso não partilhar os riscos com um enfermo em perigo de vida, e não esgotar todos os recursos para o ajudar, fossem quais fossem as consequências, preparou-lhe um fármaco e convenceu-o a aguentar e a bebê-lo, se queria recuperar forças para a guerra. [5] Entretanto Parménion enviou a Alexandre do campo de batalha uma carta, com a recomendação de que se acautelasse em relação a Filipe – que teria sido comprado por Dario com grandes presentes e o casamento com uma das suas filhas, para o matar. Alexandre leu a carta e, sem a mostrar a nenhum dos seus próximos, guardou-a debaixo da almofada. [6] À hora marcada,

> quando Filipe veio com os companheiros do rei trazendo o medicamento numa taça, Alexandre entregou-lhe a carta, ao mesmo tempo que pegava na taça tranquilamente, sem qualquer sinal de suspeita. [7] Foi fantástica aquela cena, com muito de teatral: enquanto um lia a carta, o outro bebia o remédio; depois, ao mesmo tempo, cravaram os olhos um no outro, mas com uma expressão diferente; Alexandre, de rosto sereno e risonho, respirava simpatia e confiança em Filipe; [8] enquanto este, fora de si com a calúnia, ora erguia as mãos ao céu e apelava aos deuses como testemunhas da sua inocência; ora se deixava cair sobre a cama onde Alexandre estava deitado e lhe recomendava ânimo e confiança no médico (Plutarco, 19.2-8, 2013, p. 43).

De antemão, verifica-se que, apesar de ser considerado uma fonte histórica da segunda geração, o relato de Plutarco "[...] abdica de uma narrativa exaustiva, pormenorizada, 'histórica' em sentido moderno, para obter, como prioridade, o desenho — onde a ficção se mistura com o rigor, o idiossincrático ganha terreno ao coletivo — do caráter de um Homem" (Silva; Brandão, 2019, p. 15). Assim, distingue-se da *Anábase*, senão pelos elementos comuns que compõem o fio histórico do evento, pela dimensão literária, pedagógica e paradigmática oriunda da própria natureza biográfica do relato, algo também atestado nas *Histórias de Alexandre*, ainda que a versão de Cúrcio dos eventos (3.6.1-11) seja, como diz Wilcken (1967, p. 27), notadamente mais colorida:

> [1] Entre os médicos nobres, estava Filipe de Acarnânia, que havia seguido Alexandre desde a Macedônia e era completamente leal a ele. Designado como um companheiro e protetor da boa saúde quando este era menino, Filipe o estimava com exímia ternura, não apenas como a um rei, mas, também, como a um pupilo. [2] Sem que se precipitasse, ele prometeu trazer um remédio vigoroso – uma bebida medicinal que aliviaria tão forte aflição. A promessa dele não agradava a ninguém, exceto àquele às custas de quem havia sido feita. [3] Com efeito, Alexandre tinha maior facilidade em suportar qualquer coisa do que a demora. Seus olhos estavam nas armas e nas linhas de batalha e ele pensava que a vitória repousava nisto: se apenas ele tivesse sido capaz de pôr-se diante dos estandartes... Isso – e o fato de que estaria para receber o remédio depois do terceiro dia, pois assim havia recomendado o médico – o rei ia suportando com dificuldade. [4] No meio tempo, ele recebeu cartas de Parmênio, o mais fiel dos generais, nas quais lhe advertia para que não confiasse sua saúde a Filipe, que fora corrompido com mil talentos de Dario e a expectativa de casar-se com a irmã dele. [5] As cartas haviam incutido uma enorme inquietação no ânimo de Alexandre e, em segredo, ele ponderava tudo aquilo que, para ambas as partes, o medo ou a esperança havia sugerido: [6] "Devo persistir em beber e, supondo que um vene-

> no tenha sido servido, que tudo o que venha a acontecer nem sequer seja visto como imerecido? Devo desprezar a lealdade do médico? Permitirei, pois, ser subjugado em minha própria tenda? Mas é preferível morrer pelo crime de outro do que pelo nosso medo". [7] Tendo-se o âmago revirado em direções adversas, Alexandre não revelou a ninguém aquilo que havia sido escrito e pôs a carta, selada com o sinete de seu anel, debaixo da almofada sobre a qual repousava. [8] Decorridos dois dias em meio a essas reflexões, rompeu-se o dia marcado pelo médico, e ele adentrou a tenda com o copo no qual havia diluído o medicamento. [9] Visto isso, erguendo-se no leito e segurando a carta enviada por Parmênio com a mão esquerda, Alexandre aceitou a bebida e, destemido, sorveu-a de um só trago. Então, ordenou a Filipe ler a carta, sem desviar os olhos do leitor, certo de poder captar alguns sinais de remorso na expressão dele. [10] Uma vez lida a carta, Filipe demonstrou mais indignação que pavor. Lançou-a junto ao manto diante do leito de Alexandre e disse: "Ó, Rei, é fato que meu espírito sempre dependeu de você, mas, agora, verdadeiramente penso que meu sopro é carregado por teus sagrados e veneráveis lábios. [11] A sua boa saúde dissipará o crime de parricídio levantado contra mim: salvo por mim, você terá me concedido a vida. Eu lhe rogo e suplico que desista do medo e permita que o medicamento se difunda por suas veias. Por um instante, relaxe a mente, a qual os amigos – sem dúvida fiéis, mas excessivamente zelosos – perturbam com intempestiva preocupação". Tais palavras não apenas tranquilizaram o rei, mas, também, deixaram-no alegre e esperançoso (Cúrcio, 3.6.1-11).

Presente no Livro III das *Histórias de Alexandre*, tal episódio, da maneira como é apresentado por Cúrcio, emprega técnicas narrativas que não são de todo estranhas ao método historiográfico atestado na Antiguidade. Como Auerbach (1971) observa, por exemplo, "fazem parte do estilo da grande Historiografia os grandes discursos que, na maior parte dos casos, são fictícios; servem para a evidenciação dramática (*illustratio*) do acontecimento, às vezes também para a explicação de grandes pensamentos políticos e morais: em qualquer caso, devem ser os ápices retóricos da exposição" (Auerbach, 1971, p. 34).

Ainda assim, Cúrcio parece demonstrar um grande interesse na composição literária de cenas que contemplam a esfera privada de seu protagonista. Para tanto, o autor descreve o ambiente, a movimentação e mesmo a expressão das personagens nele inseridas; constrói discursos ora proferidos, ora representativos do raciocínio lógico e de dilemas emocionais de Alexandre (via de regra, por meio de um narrador onisciente); e explora a oportunidade de erigir objetos cotidianos, como a carta e o elixir, a um patamar simbólico que afeta e/ou representa o relacionamento entre as

personagens em dado momento da trama. Trata-se de um dos motivos pelos quais o relato de Cúrcio é, vez ou outra, considerado algo impreciso entre a historiografia, a biografia e o romance, sem que se pesem, com rigor, as características específicas de um ou outro gênero. A título de exemplo, Spalding (1968, p. 185-186), em seu *Pequeno Dicionário da Literatura Latina*, afirma que:

> QUINTUS CURTIUS RUFUS, historiador, do qual nada se sabe e que talvez tenha vivido no tempo de Cláudio; deixou-nos uma obra, *História de Alexandre Magno*, que, antes de ser história, é um verdadeiro romance. [...] O biógrafo do filho de Filipe procede mais como artista que como historiador; *plus transcribo quam credo*, diz no livro IV, 1, 34; na sua *História*, os fatos se encadeiam e se sucedem como numa grande série de quadros; as datas ficam reduzidas ao indispensável; a finalidade precípua de Cúrcio é impressionar os leitores; daí as hipérboles, as metáforas brilhantes, as sentenças, epifonema e antíteses que mostram claramente a influência da poesia e da retórica; não obstante, a precisão das pinturas, a viveza das narrações e a energia do tom, ora patético, ora nobre e digno, ora grave e melancólico, tornam a leitura dessa *História* assaz agradável (SPALDING, 1968, p. 185-186, itálicos do autor).

Com efeito, há de se considerar a possibilidade de que o motivo pelo qual teóricos como Spalding (1968), num mesmo fôlego, denominam Cúrcio um historiador, um biógrafo e um romancista, seja uma convergência (ao invés de uma divergência) de traços formais e temáticos comuns a tais gêneros no período de produção das *Histórias de Alexandre*, o qual, como discutimos, tende a ser apontado como a metade do século I d.C. Na esteira dessa hipótese, verifica-se que, não coincidentemente, a vertente retórica da historiografia que é inaugurada por Isócrates nos séculos V e IV a.C., condiz com o surgimento do romance antigo. Afinal,

> Tais desenvolvimentos são a reação da história, assim como de outros gêneros, às mudanças do mundo político no século IV a.C., quando a ascensão da Macedônia destruiu o panorama pelo qual a participação política havia, até então, se definido aos gregos. Ao passo em que Atenas e Esparta haviam sido os protagonistas de Tucídides, no quarto século, a história da Grécia se torna a história de regentes [...]. Conforme o leitor se tornava menos um participante e mais um observador, a relação dele com a história teve de mudar (Marincola, 1997, p. 23).

Noutros termos, a queda do Império Macedônio, da qual decorre a fragmentação do Mediterrâneo e do Oriente Médio, conquistados por Alexandre, em províncias gregas de natureza igualmente autocrática, compõe um cenário de condições políticas, econômicas e sociais pelas quais se dá a perda de autonomia e participação política na manutenção e condução do Estado. É este um dos traços principais do Período Helenístico que, para Gual (1972), representa o desencanto de

mundo expresso pela inovação e abertura formal do romance antigo, em suas primeiras manifestações no século IV a.C. Paralelamente, para Mandel (1980), Woodman (1988), Momigliano (1993) e Marincola (1997), trata-se do exato mesmo contexto no qual a historiografia deixa de ser um manual de atuação política e, assumindo nuances retóricas manifestas tanto na redação da obra, quanto no moralismo exercido pelo historiador, passa a contemplar as grandes figuras do passado. Tais tendências naturalmente ressurgem no século I d.C., conforme os limites do Império Romano, especialmente a partir das políticas expansionistas de Augusto, tornaram-se progressivamente mais difíceis de se precisar. Isto é, "o fim da República e início do Império se assemelhavam ao século IV a.C., com sua mínima participação política e um mundo fora de controle" (Marincola, 1997, p. 29), cenário que, por um lado, perspectiva a ênfase no componente moral da história nas obras de Salústio e de Tito Lívio, por exemplo e, por outro, propicia as sucessivas perambulações e viagens pelas diversas camadas sociais do mundo romano nos romances de Apuleio e de Petrônio, uma vez que "o novo mundo político significava que as figuras e os exemplos da história romana não mais tinham valor prático, mas, em vez disso, força moral" (Marincola, 1997, p. 29).

Pode-se dizer, portanto, que o romance antigo grego e romano é uma narrativa em prosa, consumida por meio da leitura no recesso doméstico, nascida de um contexto de desencanto ante o mundo no Período Helenístico e desenvolvida a partir do século I d.C., conforme a hegemonia do Império Romano implicava a perda de participação pública cidadã na manutenção política do Estado. O mesmo pode ser dito da vertente retórica da historiografia antiga, corrente da qual, caso aceitos os argumentos anteriores para sua datação em meados do século I d.C., Quinto Cúrcio Rufo faz parte. É preciso considerar, ainda, a possibilidade de que ambos os gêneros supracitados, em seus passos principiantes, tivessem exercido influências um sobre o outro, especialmente se considerarmos que a presença de Alexandre na literatura antiga se manifesta em diversos gêneros literários que popularmente circulavam pelo mundo antigo, a exemplo da sátira menipeia de Luciano de Samósata, conhecida como *O diálogo dos mortos*; a obra retórica de Sêneca, intitulada *O Tratado sobre a clemência* e endereçada ao imperador Nero; o *Romance de Alexandre*, de Pseudo-Calístenes, bem como as variadas (e anteriormente mencionadas) fontes antigas historiográficas para a vida dele. Em todos os casos, Alexandre é posto nas intersecções entre a História e a ficção, sendo esta uma condição literária que faz jus à própria reputação lendária do macedônio e, ainda, à sina de figuras históricas que, no geral, tendem a existir duplamente nas condições de carne e osso e, simultaneamente, papel e tinta.

Considerações finais

A partir de uma síntese das considerações seculares a respeito de Quinto Cúrcio Rufo no âmbito acadêmico estrangeiro e nacional, a primeira parte deste estudo buscou apresentar os principais argumentos e evidências para a apresentação e identificação do historiador romano, cuja pre-

sença nos Estudos Clássicos brasileiros é, ainda, esparsa e, como sua própria figura, obscura. Dado o considerável grau de preservação de sua obra, bem como a importância dela na tradição literária, da qual decorre a sempiterna memória de Alexandre Magno, a inserção de Cúrcio nos círculos teóricos quer historiográficos, quer literários, parece-nos essencial.

Em seguida, buscamos apresentar o dilema conduzido pelos estudos dos séculos XX e XXI em torno do gênero literário ao qual as *Histórias de Alexandre* pertencem, questão que enseja a construção de um panorama teórico e histórico do romance antigo e da vertente retórica da historiografia, pois são esses os gêneros entre os quais a obra tende a oscilar. Ao cabo de nossas considerações, verificamos que a dificuldade de classificação entre um e outro gênero representa um problema não de divergência, isto é, dos elementos comuns ao romance ou à historiografia que faltam às *Histórias de Alexandre*, mas, em vez disso, um que pode ser resumido na convergência das características formais, temáticas e mesmo do período histórico comum a ambos os gêneros que, consequentemente, manifesta-se na obra. Não seria extraordinário pensar que o romance, em sua natureza onívora, bem como a própria concomitância de ambos os gêneros durante seu surgimento no Período Helenístico, e seu desenvolvimento e disseminação no Império Romano, seriam fatores dos quais poder-se-iam decorrer influências formais e temáticas de um gênero sobre o outro, e tal hipótese permitiria que fossem analisadas por novas lentes as dificuldades de classificação de obras como as *Histórias de Alexandre*, que sobrevivem em algum lugar entre a História e a ficção.

Cúrcio, ainda que possa ser dito faltoso no que toca à precisão e ao apuro de determinadas informações militares e geográficas referentes às campanhas de Alexandre, bem como quanto às figuras nelas envolvidas, dificilmente sacrifica o rigor da abordagem e dos métodos históricos no altar da retórica, como pensam Yakoubovitch (2011), Tarn (1948) e outros, uma vez que tais métodos podem ser reavaliados em vista à transformação das tendências historiográficas ao longo do tempo. Em qualquer caso, insistimos que a dimensão literária nas *Histórias de Alexandre* não faz por diminuir o valor historiográfico da obra como uma fonte antiga, mas, em vez disso, viabiliza seu estudo e análise por diferentes abordagens literárias, que sondam e, cada vez mais, evidenciam a complexidade temática e os procedimentos literários, romanescos, talvez, empregados em função da caracterização de Alexandre Magno.

Por fim, a lista de teóricos supracitados, de maioria estrangeira e anglófona, demonstra que os estudos conduzidos a respeito de Cúrcio no Brasil são os pioneiros de uma área em constante desenvolvimento, à qual este estudo espera contribuir no futuro fortuito.

Referências

APRILE, Guillermo. Crítica del imperialismo en dos discursos de las Historiae de Curcio Rufo. **Circe**: de clásicos y modernos, La Pampa, n. 21/1, 2023, p. 65-86. Disponível em: https://bit.ly/4uZVofY. Acesso: 03 abr. 2026.

APULEIO, Lúcio. **O Asno de Ouro**. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.

ARRIANO. **Alexander the Great**: The Anabasis and the Indica. Tradução de Martin Hammond. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ATKINSON, John Edward. **A Commentary on Book 3 of Q. Curtius Rufus' Historiae Alexandri Magni**. 1971. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Cape Town, Cape Town, 1971. Disponível em: http://hdl.handle.net/11427/22622. Acesso: 03 abr. 2026.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

BAYNHAM, Elizabeth. An Introduction to the Metz Epitome: Its Traditions and Value. **Antichthon**, Cambridge, n. 29, 1995, p. 60-77. Disponível em: https://bit.ly/4v9Zwdt. Acesso: 03 abr. 2026.

BAYNHAM, Elizabeth. **Alexander the Great:** The Unique History of Quintus Curtius. Michigan: Michigan University Press, 1999.

BOSWORTH, Albert Brian. History and Rhetoric in Quintus Curtius Rufus: A Commentary on Q. Curtius Rufus Historiae Alexandri Magni Books 3 and 4 by J. E. Atkinson. **Classical Philology**, Chicago, v. 78, n. 2, 1983, p. 150-161. Acervo pessoal de Anne Caroline Ferreira Veloso.

BOSWORTH, Albert Brian. Plus ça change... Ancient Historians and their Sources. **Classical Antiquity**, California, v. 22, n. 2, 2003, p. 167-198. Disponível em: https://bit.ly/47HH9T8. Acesso: 03 abr. 2026.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A invenção do romance**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A Literatura Latina**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CÁRITON DE AFRODÍSIAS. **Quéreas e Calírroe**. Tradução de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2020.

CÍCERO. **Letters to His Friends**, Volume III. Tradução de W. Glynn Williams. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1960.

CURRIE, Harry MacL. Quintus Curtius Rufus: The Historian as Novelist? **Groningen Colloquia on the Novel**, Groningen, v. 3, 1990, p. 63-77. Acervo pessoal de Anne Caroline Ferreira Veloso.

DEVINE, Andrew. The Parthi, the Tyranny of Tiberius, and the Date of Q. Curtius Rufus. **Phoenix**, Ontario, v. 33, n. 2, 1979, p. 142-159. Disponível em: https://bit.ly/4c6h55B. Acesso: 03 abr. 2026.

DIODORO SÍCULO. **The Library**, Books 16-20: Phillip II, Alexander the Great, and the Successors. Tradução de Robin Waterfield. Oxford: Oxford University Press, 2019.

DOSSON, Simon Nöel. **Étude sur Quinte Curce**: sa vie et son œuvre. Paris: Hachette et Cie., 1887.

FEARS, Jesse Rufus. Parthi in Q. Curtius Rufus. **Hermes**, Darmstadt, n. 102, 1974, p. 623-625. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1087991. Acesso: 03 abr. 2026.

GUAL, Carlos García. **Los orígenes de la novela.** Madrid: Ediciones ISTMO - Colección Fundamentos, v. 16, 1972.

HAMMOND, Nicholas Geoffrey Lemprière. **Three Historians of Alexander the Great**: The So-called Vulgate Authors, Diodorus, Justin and Curtius. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HECKEL, Waldemar. **The Last Days and Testament of Alexander the Great**: A Prosopographic Study. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden GMBH, 1988. Acervo pessoal de Anne Caroline Ferreira Veloso.

HECKEL, Waldemar. Introduction to the History of Alexander the Great. *In*: QUINTUS CURTIUS RUFUS. **The History of Alexander the Great**. Tradução de John Yardley. Oxford: Oxford University Press, 2009.

HOLZBERG, Niklas. The genre: novels proper and the fringe. *In:* SCHMELING, Garrett. **The Novel in the Ancient world**. Leiden; New York; Koln: E. J. Brill, 1996, p. 10-28.

LA ILÍADA LATINA: Diario de la Guerra de Troya de Dictis Cretense e História de la Destrucción de Troya de Dares Frigio. Tradução de Felisa Del Barrio Vega; Vicente Cristóbal López. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

LUCIANO. **Diálogo dos mortos**. Tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MAHECHA, Jaime Alberto Palacios. Las cartas en la historia de Alejandro Magno de Quinto Curcio Rufo como Elemento Literario de Crítica Política. **Literatura**: teoría, historia, crítica, Bogotá, n. 10, 2009, p. 255-302. Disponível em: https://sl1nk.com/h5ryzrt. Acesso: 03 abr. 2026.

MANDEL, Joshua. L'Historiographie Hellénistique et son Influence sur Cicéron. **Euphrosyne**, Paris, v. 10, 1980. Disponível em: https://l1nq.com/cbhvk36. Acesso: 03 abr. 2026.

MARINCOLA, John. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MCQUEEN, E. I. Quintus Curtius Rufus. *In*: DOREY, Thomas Alan. **Latin Biography**. Nova Iorque: Basic Books Inc., 1967, p. 17-45.

MILNS, Robert D. The date of Curtius Rufus and the "Historiae Alexandri". **Latomus**, Bruxelas, v. 3, n. 25, 1966, p. 490-507. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41524591. Acesso: 03 abr. 2026.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The Development of Greek Biography**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

MONFERRER, Luis Pomer. **Estudio del Uso del Estilo Directo y del Estilo Indirecto en las "Historiae Alexandri Magni Macedonis" de Quinto Curcio Rufo**. 2002. Tese (Doutorado em Filologia Clássica) - Departamento de Filologia Clássica, Valência: Universitat de Valencia, 2002. Disponível em: http://www.tdx.cat/TDX-0316104-140951. Acesso: 03 abr. 2026.

NOVAK, Maria da Gloria; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (org.). **Historiadores latinos**: Antologia Bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEREZ, Claire. Alexandre émule d'Achille dans les Histoires d'Alexandre le Grand de Quinte-Curce: modalités et enjeux d'un exemplum mythique dans un discours sur le pouvoir monarchique. **Revue des études anciennes**, Paris, v. 124, n. 1, 2022, p. 3-18. Disponível em: https://hal.science/hal-03794812/. Acesso: 03 abr. 2026.

PETRÔNIO. **Satíricon**. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021.

PLÍNIO, O JOVEM. **Letters**, Volume I. Books 1-7. Tradução de Betty Radice. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1969.

PLUTARCO, **Vidas paralelas**: Alexandre e César. Tradução de Maria de Fátima Silva; José Luís Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

POLÍBIO. **História pragmática**: Livros I a V. Tradução de Breno Battistin Sebastiani. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PSEUDO-CALÍSTENES. **Vida y Hazañas de Alejandro de Macedonia**. Tradução de Carlos García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

QUINTE CURCE. **Histoires**. Tradução de Henri Bardon. Paris: Societé d'Édition 'Les Belles Lettres', 1947.

RIBEIRO, Matheus Álvares. **A Construção de um Modelo de Princeps**: Quinto Cúrcio e a imagem de Alexandre, o Grande, durante o século I d.C. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11331. Acesso: 03 abr. 2026.

RODRIGUEZ, Jenaro Costas. **Aspectos del vocabulario de Q. Curtius Rufus**: Estudio Semántico-lexicologico y Contribución al Problema de su Datación. 1980. Tese (Doutorado em Filologia) - Programa de Pós-Graduação em Filologia Clássica, Universidad de Salamanca, Salamanca, 1980. Acervo pessoal de Anne Caroline Ferreira Veloso.

RODRIGUEZ, José Luis Riestra. Digresiones Geograficas en Quinto Curcio. **Polis**: Revista de Ideas y Formas Políticas de la Antigüedad Clásica, Madrid, v. 3, 1991, p. 137-146. Disponível em: https://sl1nk.com/niyb3vs. Acesso: 03 abr. 2026.

SANO, Lucia. História e Ficção no Romance Grego e o Caso de Siracusa em 'Quéreas e Calírroe', de Cáriton de Afrodísias. **Eutomia**, São Paulo, v. 15, n. 1, 2015, p. 69-91. Disponível em: https://l1nq.com/yz9a59d. Acesso: 03 abr. 2026.

SÊNECA. **Tratado sobre a Clemência**. Introdução de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 2013.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Pequeno Dicionário de Literatura Latina**: Biográfico, Crítico e Bibliográfico – das origens ao século VIII d.C. São Paulo: Cultrix Editora, 1968.

STEELE, Robert B. Quintus Curtius Rufus. **The American Journal of Philology**, Baltimore, v. 36, n. 4, 1915, p. 402-423. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/289627. Acesso: 03 abr. 2026.

STONEMAN, Richard. The Latin Alexander. *In:* HOFMANN, Heinz (ed.) **Latin Fiction**: The Latin Novel in Context. London and New York: Routledge, 1999, p. 141-157.

STONEMAN, Richard. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Ana Paula Lopes. Lisboa: Edições 70, 2004.

SUETÔNIO. **De Grammaticis et Rhetoribus**. Tradução de Robert Andrew Kaster. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1995.

TÁCITO, Cornelius P. **The Annals and The Histories**. Tradução de Alfred John Church; William Jackson Brodribb. Chicago: The University of Chicago, 1952.

TARN, William Woodthorpe. **Alexander the Great**. Cambridge: Cambridge University Press, 1948.

VELOSO, Anne Caroline Ferreira. **A construção da personagem Alexandre em Histórias de Alexandre Magno da Macedônia, de Quinto Cúrcio Rufo**. 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, 2025. Disponível em: https://hdl.handle.net/11449/313634. Acesso em: 03 abr. 2026.

VIZENTIN, Marilena. Espelhos contrapostos: Alexandre e o modelo de Imperador romano. **Revista Métis**: História e Cultura, Caxias do Sul, v. 8, nº 15, 2009. 157-166. Disponível em: https://l1nq.com/b913rmf. Acesso: 03 abr. 2026.

VORHIS, Justin Grant. **The Best of Macedonians***:* Alexander the Great as Achilles in Arrian, Curtius and Plutarch. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia Clássica) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia Clássica, University of California, Los Angeles, 2017. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/76s9x3jv#main. Acesso em: 03 abr. 2026.

WILCKEN, Ulrich. **Alexander the Great**. Tradução de G. C. Richards. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1967.

WOODMAN, Anthony John. **Rhetoric in classical historiography**: Four studies. London; New York: Routledge, 1988.

XENOFONTE. **Ciropédia**. Tradução de Lucia Sano. São Paulo: Fósforo, 2021.

YAKOUBOVITCH, Igor. Les Histoires d'Alexandre le Grand de Quinte-Curce: Une Question de Genre. **Actes des Congrès Nationaux des Sociétés Historiques et Scientifiques**, Paris, v. 134, n. 4, 2011, p. 85-96. Disponível em: https://l1nq.com/4sni3jw. Acesso: 03 abr. 2026.

Informações adicionais

Biografia profissional

Anne Caroline Ferreira Veloso é graduada em Licenciatura em Letras (Português/Inglês) e mestre no Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", com estudos voltados à literatura antiga grega e romana sobre Alexandre, o Grande.

Endereço para correspondência

Rua Cristóvão Colombo, 2265, São José do Rio Preto, SP, 15054-000, Brasil.

Financiamento

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Processo n. 88887.829920/2023.

Agradecimento

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.
Ao Professor Doutor Cláudio Aquati, pelos comentários e considerações.

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética

Não se aplica.

Contexto de pesquisa

O artigo é um desdobramento das pesquisas conduzidas em função da dissertação de mestrado "A construção da personagem Alexandre em *Histórias de Alexandre,* de Quinto Cúrcio Rufo", orientada pelo Prof. Dr. Cláudio Aquati, na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, defendida no ano de 2025.

Preprint

O artigo não é um preprint.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica.

Editores responsáveis

Rebeca Gontijo – Editora-chefe
Renata Dal Sasso Freitas – Editora executiva
Iuri Bauler Pereira – Editor convidado

Direitos autorais

Copyright © 2026 Anne Caroline Ferreira Veloso

Histórico de avaliação

Data de submissão: 19/12/2024
Data de aprovação: 20/03/2026

Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

